

ENCONTRO DE PENSAMENTOS

Guilherme Palacios

2016

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-921575-1-7
9 788592 157517

GUILHERME PALACIOS

Encontro de pensamentos

Série: Memórias de um tatuador, poeta e professor
Volume 2
1 ª edição

São Paulo
Guilherme Afonso Pereira Palacios
2016

Este e-book é gratuito, porém, para realizar outros projetos no futuro,
ACEITO DOAÇÕES PELO PAYPAL,
email: guilherme@memorias-tatuador.pro.br.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Palacios, Guilherme
Encontro de pensamentos. São Paulo: Guilherme Afonso Pereira Palacios, 2016.
118 p.
(Memórias de um tatuador, poeta e professor, volume 2)

ISBN: 978-85-921575-1-7

1. Poemas 2. Contos 3. Prosas 4. Memórias 5. Pensamentos

CDD B869.8
CDD 150.370

Índice para catálogo sistemático:
1. Miscelânea de escritos brasileiros (inclui mais de um gênero e crônica e literatura infanto-juvenil brasileira) B869.8
2. Psicologia: Educação 150.370

Para aquelas que se foram,
Partiram de meu coração,
Lembranças ficaram,
ecoam em mim.

ORAÇÃO PARA AQUELA QUE ESTÁ EM SOFRIMENTO.

MEU CORAÇÃO PULSA, PRECISOU ESCURECER PARA TE ESQUECER.

NESSE AMANHECER NÃO MAIS TE VEREI, SUA ESTRELA PERDEU O BRILHO PARA MIM, MAS SERÁ DE OUTROS UMA ESTRELA BRILHANTE.

TE PERDOEI PARA PODER DEIXAR MEU CORAÇÃO BRILHAR.

TE AMEI E DEIXAREI VOCÊ SEGUIR SUA VIDA.

PERDÃO POR TE AMAR.

DEUS TE ILUMINE.

PEÇO A DEUS PAI, QUE VOCÊ VOLTE A SER O QUE ERA ANTES DE ME CONHECER.

QUE ASSIM SEJA E SERÁ.

AMÉM.

AGRADECIMENTOS

A todos os irmãos e irmãs da Casa de Caridade na tradição do Dr. Bezerra da Silva e Dr. Severino César, filhos de Fé e dos Orixás, uma casa de Umbanda.

Aos irmãos de outras religiões as quais eu tive a oportunidade de conhecer e ouvir seus conselhos.

Aos Orixás.

A Nossa Senhora Imaculada da Conceição.

Aos ensinamentos de nosso Senhor
Jesus Cristo.

A Deus Pai Todo Poderoso.

Amém.

PREFÁCIO

Este é um livro muito especial, uma coletânea de textos escritos e inspirados na vida concreta de um mundo cheio de ilusões e imaginações, e, de prazeres que foram uma consequência da busca de um amor verdadeiro.

Nesses escritos os sujeitos foram omitidos, as histórias que foram vivenciadas se transformaram sinteticamente em reflexões para serem contadas poeticamente.

Assim, compartilho com vocês esses escritos inspirados e orientados pela Fraternidade da Aurora, tiveram um propósito em minha vida para que eu a mudasse e renascesse, um processo que se iniciou lentamente depois de um acidente de motocicleta, para converter meus pensamentos que estavam soltos, um propósito divino, ao acreditar no plano espiritual, reencontrar Deus Pai Todo Poderoso.

Em vida, encontrei as sete estrelas guias de minha vida.

Que assim seja,
Amém.

15/10/2016

SUMÁRIO

Parte 1
PENSAMENTOS EMARANHADOS

Parte 2
PENSAMENTOS SOLTOS

Parte 1

Pensamentos Emaranhados

Para quem escrevo

Bom dia,
Jim Morrison escreveu poemas para Pamela.
Eu escrevo para você, vocês, a quem ler.
Escrever para libertar a imaginação da fantasia, escrever, um ato de criação textual de histórias do mundo concreto humano.

Um ato de Amor.
Te amo e tu sabes dessa Revelação.
Revelar e desvelar o íntimo em palavras.
Você continua as histórias com as cores de seu pensamento, com os seus conceitos, sentidos de sua vida para encher as lacunas textuais.

Escrever com coração, te amar.

Feliz Páscoa

O amor, tijolo a tijolo, edifica nosso ser.

O ódio não é um sentimento saudável, quer a destruição.

O sacrifício é amar, amar e não odiar.

Morrer por alguém, sacrificar nosso EU.

Sacrificar o individualismo para sermos um coletivo,

Uma família,

CONVOSCO.

Mitos

Mitos ou a psique dita de outro jeito?
Um pouco de Orfeu e de sua melancolia.
Ao olhar para sua amada, as trevas a levaram.
Eu a olhei,desvelei seus segredos, e quem foi para as trevas???

— Não, sei!!!

Fazemos escolhas dentro do possível de algo dado e nos colocado para viver, algo posto pelas relações humanas no tempo e no espaço, histórico-cultural.

— Eis o plano material.

Mas, o plano espiritual é anterior ao homem, do espírito surgiu a matéria, o espírito moldou o homem - que conhecemos.

Um Livre arbítrio de nossas emoções, paixões, ilusões, desejos, almas, sentimentos.

Eis as profundezas de nossa psique.

— O plano espiritual e seus mistérios ainda não desvelamos.

VAMOS CONTAR OUTRA HISTÓRIA, NÃO O DEPOIS, O ANTES

Um jovem poeta conheceu uma linda menina, seu amor era cultivado nas suas palavras que desenhavam uma história de amor. Nessa história de amor, nunca imaginara que teria outros interessados naquela menina meiga e angelical. Sem dúvidas, quem olhava para a menina diria que era um amor de pessoa, prestativa e acolhedora em seu jeito de tratar as pessoas.

Lembrei-me do mito de Orfeu, um jovem poeta que perdeu sua amada pela picada de uma cobra em seu tornozelo. E que foi buscar nas trevas a sua alma. Por olhar nos olhos perdeu sua amada para as trevas. O que será que Orfeu enxergou em Eurídice?

Mas gostaria de dizer o nome dessa menina. Ou de mostrar a sua fotografia.

E, quem sabe, você a conheceria e poderia dizer que o jovem poeta está louco por dizer tais asneiras e calúnias de uma menina nobre, frágil e pura.

Eu a conheci, também, conheci o jovem poeta.

Confessou-me o jovem poeta o que aconteceu com a sua amada, deu-me a permissão de contar sem os detalhes que arrepiariam, contarei, sem abalar, sem atormentar, essa sucinta história de amor.

Ele sempre estava esperando pela jovem. Um acompanhante de seus passos, de seus sonhos, de suas vontades e desejos.

Cultivava o amor pela jovem. Um amor que a colocava em primeiro plano na sua vida. Por ela, abandonou seus pais. Por ela, escrevia poemas de amor, emocionantes e cheios de sentimentos puros de uma nobre.

Conheceram-se de uma forma muito enigmática.

Ele andando pela rua sem rumo e compondo versos. Ela indo comprar pão na padaria...

Caminhos estreitos. Caminhos de uma estrada que seria trilhada um ao lado do outro. Um caminho para encontrar o fim do arco-íris, um caminho de felicidade e de alegrias. Um caminho de amor.

O sorriso da menina derreteu o coração daquele jovem virgem. Seu coração pulsou forte. Seu corpo esquentou e esfriou, esquentou e pulsou, esfriou, um frio na barriga, uma tremida nas pernas, um suor corria pelo rosto, seus olhos encontraram os olhos da jovem, com aquela menina ele esperava ter filhos e uma família. Ela o ensinou, ensinou o que era amar, a desejar e a satisfazer os seus prazeres naquele quartinho, na penumbra ou no claro.

Que triste fim, depois de todos aceitarem aquele jovem poeta como parte da outra família.

Depois de anos de namoro, de noivado, de casamento.

[A tormenta chegou.]

O coração da menina esfriou. Precisava encontrar alguém, um homem sem pudor. Vários cafajestes?

Discussões e brigas, aquela menina não teve filhos, o jovem poeta ficou na ilusão de escrever.

Não aconteceu o que ele planejou. Seus poemas se tornaram piegas e sem graça. A fonte de inspiração acabou. Seu suplício se tornou realidade, do seu lado uma jovem rancorosa e cheia de si, independente de todos, orgulhosa de conseguir ir além do que era antes de conhecer aquele poeta fracassado e sem notoriedade.

Aquela moça, uma mulher, decidiu mudar de vida. De princesa para uma vassala; não, pior que isso, uma devassa que buscava seu prazer. Seu corpo a pertencia e fazia o que bem queria com aquele corpo que um dia foi inocente, ninguém saberia, ninguém desconfiaria de uma figura angelical, meiga, decidida e frágil.

Escondia de todos e do jovem poeta a sua verdadeira personalidade, seus desejos que a levaram para as trevas e para a perda de sua nobreza. Escondia de si o seu verdadeiro *self*. Enganava a todos com seu jeito de menina.

Um dia, ela telefonou para aquele jovem poeta e lhe disse:

— Ele comprou um som, uma casa e guardou dinheiro. Estou indo embora e nunca mais me procure. Nunca mais venha conversar com meus pais. Nunca mais olhe em meus olhos. Não quero te ver nem pintado de ouro. Você é passado. Serei feliz com ele, vou casar e viver bem. Você seja feliz. Feliz com suas poesias. Feliz com a sua vida de sonhos e de ilusões. Não me procure. Vai perder seu tempo. Adeus.

[Continuação: Vamos contar outra história, não o antes, o depois.]

O jovem poeta não conseguiu mais escrever, suas poesias se tornaram sem vida e sem emoção. Sua vontade era de morrer. Por dentro, seu ser foi estraçalhado em pedaços. Viveu por muito tempo sem querer conversar. Viveu no exílio. Viveu com o passado de sua amada, das lembranças e dos melhores momentos que tiveram juntos naquela pequena família.

Os detalhes dessa história vou preservar, oh, que triste foi para o meu colega!

Aquele jovem poeta, quem diria, não acreditei que ela fosse capaz de trocar o seu amor pelos bens materiais. Depois de vinte anos dessa história, um dia eu a vi, a sua ex-mulher jovem, linda como sempre, pura e elegante, no mercado, fazendo compras de mãos dadas com seus filhos, e na frente o dono do seu pedaço de corpo, um rico empresário, cheio de dinheiro e dono de uma linda mulher.

E, para finalizar, no final daquele ano, o jovem poeta, agora de poucos cabelos, ganhou um troféu na categoria "poesia melancólica".

Troféu ganho pela poesia:

"Um dia estarei com você!!!"

[Um troféu em homenagem ao maior poeta talentoso desse concurso, uma obra de arte, construída em metal, de cobre e ouro, uma lira com o busto de Orfeu, enfeitado com galhadas vistosas de um grande Alce.]

Qual é a graça?

Laranja, azul e branco: as cores fortes alternantes que repartiam em gomos uma bola de basquete. Ganhei de minha mãe, um dia sem ser uma data de comemoração, um presente espontâneo, simplesmente emanou de mim uma alegria imensa. Essa alegria compartilhei com meus colegas da rua, imaginávamos ser grandes jogadores de basquete, tais como os Globetrotters, éramos uns tampinhas brincando com uma bola colorida saltitante nas ruas de um bairro de Taubaté.

Algumas vozes dizem para esquecermos nossas memórias e deixarmos de lado o passado, engano de quem pensa assim! São as memórias que fizeram parte de nossas vivências e descobertas de mundo, óculos que trocamos ao longo de nossa jornada de vida, óculos que indicam um sentido na vida. Óculos de lentes límpidas, embaçadas, escuros, tons cinza ou cor de rosa, cor de arco-íris ou simplesmente óculos que amplificam a imagem de nosso olhar.

Poderia citar quais alegrias tive na vida, desde a infância, tais como: o bolo que fiz de laranja, andar de bicicleta sem cair, o sorteio de um saco de bombom que a professora fez para cativar seus alunos, uma nota 10 na escola, tomar ônibus sem precisar estar acompanhado, andar sozinho na rua Santa Ifigênia e outras ruas da cidade de São Paulo, o beijo de meus pais que sempre me confortava, a iniciação sexual, o encontro do nome nas listas de quem vai prestar um concurso ou de quem passou num vestibular concorrido, primeiras vezes que deram alegrias. Alegrias que encontrava nos pequenos detalhes, insignificantes para muitas pessoas, alegrias de um garoto que não teve irmãos, alegrias de quem convive e tem companhias felinas e caninas, alegrias de quem conviveu com colegas vizinhos de uma pequena favela de Osasco, uma comunidade de pessoas de origem nordestina ou do interior de algum lugar do Brasil, pessoas de pais trabalhadores sem uma formação certificada pela escola, mas pela vida sofrida. Colegas que não me excluíam de suas brincadeiras, colegas que hoje não saíram de suas condições de vida, permaneceram na favela, uma areia movediça que impede sua saída e os coloca nas margens da sociedade, um ciclo de pobreza, poucos

saem desse lugar, vivem da maneira que a vida pode ser vivida concretamente.

A alegria eu encontrei quando dei um abraço de urso, um abraço que quase quebrou as costelinhas daquela menina. No dia seguinte, a menina disse que estava com muitas dores no corpo, juntos fomos ao ortopedista, depois de um RX, a médica aconselhou:

— Jovem, não dê mais abraços assim, a costela é frágil e pode quebrar, seja menos bruto com as pessoas.

Essas memórias, distantes do passado, do meu passado, ainda são o presente, não se tornaram uma história do passado como querem muitos acreditar, são outras histórias por sermos pessoas singulares. A minha história compartilho com vocês. Imaginação literária, imaginação fictícia, imaginação que podemos duvidar de sua veracidade, imaginação que aflora depois de muito viver intensamente as relações humanas.

RESILIENTE

Uma colega, após a minha apresentação de uma dramatização para o seminário de metodologia de ensino de psicologia, disse:

— *Você é difícil de interpretar, foge das teorias que eu conheço. Não tem nada igual ao que eu conheço.*

Suas palavras ecoam para lembrar que eu devo continuar...

E outras palavras carinhosas, suaves ecoam de outra pessoa:

— *V o c ê é r e s i l i e n t e .*

Sei seu segredo

Contar meu segredo?
Por que iria contar meu segredo, assim de supetão?
Mas seria bom contar um pouquinho dele.
Contarei, então.

Amor de verão, época quente, nos deixa revitalizados e nossas energias internas fluem pelo corpo. O esquentar acontece do peito para o resto do corpo. Flui de uma maneira muito sutil que aquece. Sentir o corpo pulsar. Uma sensação muito revigorante.

Essa energia do amor acontece quando queremos?
Comigo, aconteceu.

Poucas vezes para quem já viveu intensamente essa vida. Mas é um segredo, como poderei contar sem ofender ninguém? Como poderei ser verdadeiro? Como poderei recomeçar o que passou?

Acho que não passou.

E, esperou o momento certo para voltarmos de vez e nunca mais largarmos um do outro.

Será que só eu que quero o amor de verão?
Que deixe de ser um amor de verão, seja uma história inacabada. Continuemos daquele ponto que ficou quando disse que queria ser criança e nunca um adulto. Precisamos crescer, construir juntos nossa vida e continuar o que deixamos no verão.

Contarei para vocês, ninguém mais além de vocês.
Ela, quando passava por mim, o seu rostinho ficava rubro, vermelhinho, um sorriso desabrochava, seus olhos hipnotizavam e eu gelava.

Seus olhos me diziam o que as palavras não conseguiriam encontrar nos significados e sentimentos próprios dos amantes, dos apaixonados e dos namorados.
Sua voz, seu jeito de andar, de se colocar nesse mundo, me derreteu e fiquei apaixonado.
Uma história bonita que eu estava participando.
Um dia ela gritou, sozinha, sentada na sala, externalizou as palavras:

— Estou apaixonada! Isso, eu estou apaixonada!!!

Será que foi real? Acreditei que sim.

Um amor de verão, inocente, simples, descalços com os pés nos chão e sem interesses, amor entre almas, outra chance de viver, reencontrar o amor entre almas, o único amor que podemos amar e ser amado. Amor para a vida eterna. Difícil de achar, mas fácil de perder. Amar com a razão separa o amor de almas. Ao pensar e colocar na balança o que esse amor poderá nos trazer, a razão vence, escolhe-se e perde-se nosso amor de almas. Balança injusta, material e cruel ao indicar qual rumo tomar, por isso és cega e impiedosa quando precisamos colocar o amor de almas de um lado e o que queremos do outro lado. Escolhas de um livre arbítrio, escolhas humanas, escolhas materiais, o que ganharemos com essa escolha?

Amar uma pessoa para construirmos uma história com aquela pessoa. Mas amor de almas não existe por muito tempo, pode durar um verão, um ano, uma estação ou duas, dois anos, dois dias, um dia, um encontro que marca para o resto da vida. Ainda dirão que o amor de almas é um sonho romântico ou idealizado por poetas e sonhadores.
Amor de Almas, a encontrei e a perdi, eis meu segredo, encontrar foi difícil, mas perder muito fácil.

O plano espiritual não consegue manter o plano material em harmonia. O caos é a tendência de nossas vidas e não a harmonia, a luta e as batalhas, potestades e nada de descanso. Uma luta para mantermos a nossa personalidade, o nosso *self*, nosso ser humano em unidade, uma luta espiritual.

Amor de Almas, ou amor entre pessoas. Mais um segredo para vocês. Não será o mesmo amor em intensidade e excitação com outra pessoa, cada pessoa, uma história de vida e sentimentos singulares, sentimentos que pertencem a uma pessoa, desculpe, mas só com você eu senti o que senti, ninguém mais foi capaz. Podemos até experimentar muitos corpos, cada um terá uma intensidade de correspondência e um grau de liberdade de nossas energias, nossas emoções que explodem ao ser excitado pelo calor interno, o fogo do amor. Um fogo que se transforma ao longo da vivência e modifica nosso interno, cria laços e vínculos, dependemos um do outro, vínculos de querer sempre estar juntos e de aproximar. Tão próximo, grudado, colado, um contato de pele, suor e calor dos corpos.

Um bombom ganhei, em nosso último encontro, encontro do Amor de Almas. Um amor que ela não sabia que

existia, não acreditou em mim, se foi, sem beijos ou intimidades. Amor de Almas, amor para sempre, amor que encheu meu ser de energia, mas ela se foi sabendo que eu a amava, meu segredo ela guardou.

Ficamos perdidos, nossos pensamentos um para o outro se encontram de uma maneira que pode doer e nos fazer sofrer, eu deixei que ela entrasse em minha alma, ela penetrou em meu espaço potencial de vida para ser a unidade de amor, um Amor de Almas.
Meu segredo, o Amor de Almas. Um amor inocente, que acende e alimenta a centelha divina de compreendermos a vida. O amor que abre os canais de nossa alma para colorir nossas vidas.

Dói quando nosso Amor de Almas não se realiza, mas ainda nos encontraremos e quem sabe aquele abraço que fiquei de lhe dar amarre nossas almas para sempre, para sermos uma unidade, eis meu segredo e desejo de nossas almas: unir até que a morte nos separe, ou na morte nos encontraremos.

Simples

Simples, vida simples, viver na simplicidade.
Quando todos correm para um lado, eu do lado contrário.
Na contramão, há outros nesse lado, mas pouco tempo nos resta. Por vivermos correndo contra o que nos é dado como sociedade.

Simplicidade e nada mais.

O CONVITE DE CASAMENTO

Vem um jovem com um envelope branco, leio seu convite de casamento e lhe digo que não iria, estava sem uma companheira. Uma jovem atenta à conversa, fala:

— *Resolvido, eu também estou sem companhia, juntos iremos para o seu casamento. Tudo bem para você me levar?*

Lá na igreja, estávamos participando daquele ritual de matrimônio, a noiva, o noivo e o futuro bebê. Eles precisaram se casar, de um namoro de adolescentes para um noivado curtíssimo, um núcleo familiar para formar uma família ideal, um filho iria nascer, o sacramento da igreja, a proteção divina na aliança eterna na vida entre um homem e uma mulher. A morte separa essa aliança, uma morte física, ou uma morte da unidade afetiva?

Aquele toque em meus dedos, partira dela a iniciativa, com seus dedinhos tocando minha mão. Por dentro, senti um calor. Cresceu a ponto de meu coração disparar, imobilizado perante o toque,

minhas mãos se abriram e senti o calor de sua palma da mão, um calor molhado pelo suor, o coração batia forte e pulsava em nossas mãos. Seus olhos e sorrisos despertaram nosso amor. Não foi o acaso, mas a intenção de irmos para o casamento que nos uniu, escolhas e atração sexual, forças de atração entre um homem e uma mulher, desejos, fantasias e fetiches.

Até o fim da cerimônia ficamos de mãos dadas.
Até chegarmos a sua casa, voltamos de mãos dadas, estava colada pela atração, a cola do amor e da vontade de sermos completos um pelo outro.

Um beijo de despedida, não no rosto ou na testa, mas um beijo de tirar o fôlego, um beijo de roubar a alma do outro, um beijo de enroscar as línguas, aquele beijo que nunca se esquece, molhado e quente, de perder o senso da realidade, do tempo e espaço.

Uma pegação.

Um beijo de encontro de almas.

Sua alma me tocou, uma felicidade imensa encheu meu ser de sua presença, uma personalidade forte que marcou minha vida.
Uma menina mulher meiga e frágil, linda, ensinou que o amor não acontece ao acaso, são escolhas que surgem da excitação, do tesão e do desejo, dos bens materiais que possuímos ou que poderemos possuir.
O amor continua por interesses de quem possa oferecer do melhor para a fogueira do amor ou o melhor de seus bens materiais para a proteção de uma família ou o melhor para a satisfação pessoal...

E o encontro de almas?

Vamos ouvir uma resposta que não é a minha:

— *Deixa para a outra vida, essa vida "EU" quero a realização com os objetos, numa relação de minha satisfação material.*

A minha resposta?

Deixarei para continuar em outros escritos...

Cinco minutos guardados para sempre

Breve, rápido e ligeiro.
Superficiais são as rotinas.
Breve, rápido e espontâneo.
Superficiais nos tornamos.

Cinco minutos para levantar da cama,
Cinco minutos para tomar banho,
Cinco minutos para sair de casa.
Cinco minutos para escrever estas palavras.

Cinco minutos para interpretar uma pessoa.

O tempo deixa de existir quando nossas almas se encontram.

Aquele dia ela me pegou de surpresa.
Tirou minha camiseta e começou.
Minhas costas molharam e, sem parar, passava de um lado ao outro, deslizando perto do pescoço.
Quente e rápido foi o banho de gata em meu corpo, tomou as minhas costas e as deixou marcadas pelas mordidas.

Seu perfume feminino penetrou em minha alma.
Nossos corações bateram juntos num ritmo frenético, de querer mais e mais.
Seu calor incendiou o meu interno. Libertamos nossos desejos humanos.
Sem ter a vergonha um do outro. Sem medo de ser reprimido.

Sem limites.
Perdemos um no outro.
Uma fusão de almas.

O gosto do sal, um gosto de lágrimas, gosto do íntimo, nem doce ou amargo, um gosto de nossas almas, sentimos em nossas bocas a poção afrodisíaca de Afrodite.

Dois corações bateram sincronizados.

Para sempre,
Cinco minutos de você.

O BILHETE...

Lembrando a juventude, distante e presente.

A impulsividade das emoções se liberta pelo espírito etílico.
Na lanchonete com o pessoal, depois de vários copos, canais de percepção são distorcidos e soltamos nossos prisioneiros.
As feras saem à procura de sua caça.

Conversas sobre o nada, nada de útil para quem pensa num mundo racional ou moral.
Conversas sobre o como, como conquistar uma pessoa e depois deixá-la de lado.
Conversas sobre o ganhar, ganhar dinheiro sem trabalhar muito, colocar empregados ganhando seu salário-mínimo e ganhar muito dinheiro, depois dizer:

— *A crise impede a gente de crescer na vida, esses impostos matam o povo brasileiro.*

Naquela lanchonete, como gostaria de voltar lá para receber de novo aquele bilhete.

Mas, que estranho, preciso levantar de novo, e de novo, de novo, estou desidratado de tanto urinar naquele banheiro fedorento de urina masculina, cheiro intenso de feromônios sexuais.

Aquele pessoal era animado, contavam piadas, cantavam, batiam na mesa, uns verdadeiros bárbaros ou civilizados, contavam da vida dos outros, das intimidades das pessoas, imagine o quanto sabemos da vida do outro, mais do que da nossa própria.

Ao redor, outros grupos reunidos para compartilhar suas vivências e desavenças.

O bilhete chega, um garçom sem uniforme, talvez filho do dono da lanchonete ou parente, sei lá quem era aquele rapaz de 15 anos. Escrito no papel-toalha daquelas caixinhas que ficam no meio da mesa, típicas de toda lanchonete ou bar.

Nada romântico:

Estou taradinha por você, daqui 10 minutos me espera na esquina da praça.

Na esquina encontrei aquela menina, conversamos um pouco, duas palavras no máximo. Entramos no carro até chegar numa rua escura e afastada da cidade do interior.

O sol nasceu e nunca mais me esqueci daquela mulher. Nunca mais nos encontramos.

[Acordei de um sonho.]

SENTADOS EM CIMA DA PEDRA

Atrás, o relógio central, e, à frente, o museu.

Sentados, conversamos sobre o passado.
Meu passado, cheio de recordações. O passado que ainda pertence a minha vivência, não cabe dizer ser uma experiência, o presente impregnado do passado, ainda recente, ainda latente, ainda presente na memória e no inconsciente.
E, repartíamos segredos, uma troca de essências humanas, os meus com os dela ou os dela com os outros, ou os delas com outras, segredos ditos.

Domingo de outono, às oito da manhã, café com leite, pão com manteiga, xícaras de porcelana com detalhes em tons rosa, sentados em cima da pedra. Muitas formiguinhas vinham buscar e levar as migalhas de nosso piquenique, levar farelos de pão para suas tocas-esconderijos.

Praça do relógio, lugar para ficar um tempo parado.

Na adolescência, reuníamos para conversar sobre assuntos sérios e acadêmicos. Um pouco de política e

um pouco da vida estudantil. Às vezes, eu deitava debaixo de uma árvore depois do almoço e dormia. Às vezes, à noite, sentávamos para olhar as estrelas e o céu. Às vezes, sentávamos para esperar passar os efeitos das bebidas que tomávamos nas festinhas dos centros acadêmicos nas sextas-feiras. Alguns faziam outras coisas que não convém falar. Segredos.

Mas, naquela manhã de domingo, nosso café da manhã não foi uma reunião para tratarmos de assuntos filosóficos ou políticos. Uma reunião para ser a união de corpos e mentes. Para sentir de perto o calor do corpo e compartilhar histórias do passado distante ou do passado próximo.

Não seria justo espalhar as suas confidências, os segredos que guardei, injusto seria eu contar o que me foi confiado e sussurrado. Se eu contasse as histórias mais íntimas que guardo comigo e repartisse com vocês, não seria justo desvelar esses segredos.

— Quantos segredos guardamos em nossas vidas?

Nada de inocente somos depois que perdemos a nossa inocência nesse confronto de relações humanas, lutas e batalhas do cotidiano.

E ainda vejo escrito por aí:
“Uma cidade mais humana”, ou algo parecido, como se a palavra “humana” contivesse em seu conceito o poder de redimir as falhas e as contradições da psique, esclarecer os dilemas, encontrar um juízo de valor justo, ser algo honesto e neutro.

Uma faceta humana é o sentimento amor, entre muitas que podemos encontrar espalhadas ou fragmentadas pelos escritos de muitos autores. Vou abordar apenas uma, a faceta do amor que requer para si a posse do outro.
A posse acontece quando amamos?
Queremos ter o outro a cada instante de nossas vidas, invadir a sua privacidade e tomar a sua vida para nós. Queremos controlar os passos e prever o que se fará em relação a isso, aquilo ou supor um julgamento. Controlar o seu corpo e sua mente, ter a sua alma como um objeto e colocar numa gaiola pequenina. Tomar para si o que não nos pertence. Ser o único em sua vida. Sufocar o amor com perguntas

ofensivas, ou chantagear com o possível rompimento da relação.
Ou, trair para se vingar do outro.
Amor, uma faceta que causa dor e arrependimento.
Amor ou morte?

Amar, poucos conseguem dizer com sinceridade que amam.
E quando ouvi:

— *Você é o grande amor de minha vida.*

Pode ser uma mentira, enganação, apesar de parecer uma *verdade,* um outro conceito que poderemos incorporar à palavra "humano".
O conceito de saber mentir e enganar, de conseguir dizer "meias verdades" para agradar o outro.

Um amor humano.

PARA A DO SIGNO DE VIRGEM

Simples,
Infeliz fim, não tão simples,
Muitos olhares e conversas interessantes,

E a atração de nossas almas.
União eterna esfacelada.

Foi uma ilusão gostosa,
Um sonho que tive acordado por um tempo,
Imaginação de adolescente ingênuo.

Tinha dezoito,
Relembro de seu rosto, da voz e do bolo de prestígio,
Aquela pinta vermelha em sua boca, sem maquiagens, beleza natural,
Insensatez adorar uma boca de tons rosa pastel, hálito de menta e língua inquieta,
Dos seus olhos verde-claros, a cinzas quando nervosa,
Olhos de menina, não esqueço.

Por tudo o que aconteceu entre nós,

Ela sabia que não continuaríamos juntos,
Logo, aconteceu a substituição,
Oh!!! Como somos substituíveis, um copo descartável.

Ao seu lado queria estar,
Muitas vezes procurava um lugar,
Outras vezes encostava em seus peitos,
Relembrar de seu jeito, signo de virgem.
Nada virgem.

De pé no batente da porta

Musa, uma deusa grega, de pele macia e homogênea, cabelos longos do Mediterrâneo. Um sorriso que ressaltava os contornos do rosto.
Enquanto sorria, levemente abaixava a cabeça e olhava para o chão, levantava suavemente sua cabeça e olhava em meus olhos.

Nenhuma palavra, um suspiro de ambos e um silêncio.

Uma peça de teatro, uma história sobre a revolta dos bichos da fazenda, porcos tomam conta da fazenda e humanos são reféns.
Tudo escuro no teatro, mas a sua pele reluzia naquela sombra.

Assoprei lentamente os seus cabelos. Caiu sobre o rosto, procurou de onde veio aquela brisa. Procurou de um lado para outro. De novo, outro assopro, os seus cabelos se mexem de um lado ao outro. Ela procura, não encontra de onde veio o assopro.

Agora fui pego. O que acontecerá? Ela descobriu de onde veio o assopro que atingia a sua alma.

Seus olhos brilham.

Terminou a peça e não compreendi a história.

Saímos juntos do teatro, ela e eu, eu e ela, um acompanhando o outro.
Nós caminhávamos andando de braços entrelaçados pela rua, dois tagarelas naquela noite.

— Boa noite.

No dia seguinte a vi de pé no batente da porta.
Um suspiro. Olhos se encontram, os movimentos se tornam rápidos e a inquietude de ambos impede um diálogo. Dois bobos, sem saber o que fazer, sem jeito de conversar, tímidos, com uma vontade enorme de chegar, aproximar, abraçar e estar bem perto um do outro.
Passei por ela, notei que estava com uma perna dobrada sobre o batente da porta e suas mãos levantadas ao alto, juntinhas uma sobre a outra, seus cabelos refletiam a luz do sol na tonalidade avermelhada.

Continuei meus passos e não olhei para trás.

Continuei andando, tentei, mas não consegui falar, travei, deixei lá a minha amada, de pé no batente da porta.

El gitano

— Lo que usted quieres con o gitano.

— ¿Lo que es el amor?

— Amor, tu sabes, tu pueblo sabes, tu también.

Amor materno e paterno.
Amar e ser amado.
Amor fraterno, amor de amigos.
Amor, amar os filhos.

Não sei por que as mulheres perguntam:

— Quantas namoradas você teve?

Quantificar namoradas, em qual sentido?

Bom, na verdade, nenhuma namorada. Aquela namorada formal, de pedir a permissão dos pais para namorar e ficar na casa namorando sem poder sair ou beijar a namorada.
Nunca tive uma namorada assim.

Namorada de um encontro, de meia hora a três horas, namorada expressa, pegou, beijou, abraçou e deixou.

Creio que foram muitas, mais que uma centena. Talvez nem beijei, em minha cabeça imaginei, o simples conversar a tornava uma namorada.
Ilusão de adolescente achar que o namoro é simples.

Namorada, palavra bonita de ouvir.
Sempre sonhei em ter uma namorada, uma namorada cheia de formalismos. Uma namorada para noivar e casar. Uma namorada para ser uma família, ter filhos depois do casamento, construir uma história de amor, um livro que se tornaria um romance e não uma tragédia ou um drama depressivo.
Namorada para andar de mãos dadas.
Namorada para curtir a vida juntos e sonhar.

Mas *el gitano* me disse que a Namorada eu não teria.
Como sempre, eu teria as namoradas expressas que passam por mim e os outros levam.
De inúmeras namoradas, nenhuma ficou, elas queriam o *ESTE*, e o *ESTE* faz parte das relações de possuir. Ou de projetar seus sonhos em algo que eu não sou.
Projetar “alguém” além do que eu possa ser de concreto.
Projetar um personagem de novela ou de romances.
Idealizar um homem aparente e irreal.

Quantas namoradas eu tive?
Nenhuma.

Mulheres em minha vida, inúmeras.

Amores?
Não passam de três, se foram há muito tempo.

Em pensamento,
As memórias soltam uma lágrima de tristeza,
Saudades que apertam o coração e amolecem o corpo.

O que é a Violência?

Os medíocres vivem lúcidos.
Somente eu aparento estar confuso.
Os medíocres vivem lúcidos.
Somente eu estou introspectivo.
Indefinido como uma infinita noite silenciosa.
Lao Tsé

Tudo que vai contra os Direitos Humanos de viver e sobreviver dignamente na família, no lar, na escola, no trabalho, enfim, ter uma qualidade de vida psicossocial em sociedade.

Direitos Humanos de viver dentro dos limites sociais e históricos que foram desenvolvidos em uma dada sociedade. Mas a violência pode ser de outra ordem, uma violência física, que a sentimos materialmente como agressão física que causa um trauma no corpo biológico. É visível a Violência física do corpo.

Não aceito a Violência física como um tipo de relação entre humanos.

Mas quando somos atacados temos o direito de nos defender contra um agressor, ou dois agressores.

Muitos agressores já é uma covardia, covarde agride o mais fraco, sempre será uma covardia a agressão física.

Uma violência contra o ser humano, além de ser um ato covarde, aproxima o ser humano do homem das cavernas, a brutalidade toma conta, um regresso ao estado animalesco de impor pela força a sua vontade.

Também, a violência simbólica de ordem imaterial atinge o íntimo da pessoa, viola o que está preservado, violenta a subjetividade, humilha e desqualifica. A mentira é uma forma de violência simbólica, outras existem, como a difamação ou as calúnias que se fazem a respeito de alguém.

Como tratar dessa violência simbólica?
Difícil, por ter um caráter de subjetividade.

As pessoas acreditam naqueles que se passam por bons sujeitos, ou que vestem uma roupagem de pessoas de bem. Ao externo escondem o seu caráter, pensamentos, espírito e Alma.

Atacar pela violência simbólica, fazer o *bullying*, chistes soltos aos ventos para quem quiser ouvir,

etc., um ato da mediocridade de seres lúcidos que sabem argumentar e apontar o dedo com as críticas destrutivas.

Quem diria que a violência simbólica existe?

Não sei.

Quem ataca diria que o "algo" não existe e é uma mentira. Um fruto da imaginação. A retórica é:
A vítima é a culpada por ter sofrido o ataque.

Não a qualquer ato de violência, estupro, calúnias, difamação e outros.
Repúdio aos atos covardes de agressores que atacam sozinhos ou em bando.

Velhas? Não são velhas, ainda, são reais!!!

Ler velhas mensagens, sem querer, meu coração pulou, bateu forte.
Saudades e um sentimento de perda,
Acelerou minha pulsação.
Até senti o fluir dos hormônios para ativar a rapidez de uma ação,
Na imaginação os cenários surgem.

Uma experiência ou uma vivência? Revivida?
Remoída!!! Doída.

Um amor que tento esquecer,
Na leitura de suas letras escritas, provoca, ainda, reações emotivas intensas.

Com poucas letras, aquela vontade de querer estar juntinho!

Uma simples leitura
Causou angústia, saudade, tremedeira e um querer te ver.
Sensação latente, acelera o corpo biológico, parece que eu ia morrer.

Morreu nosso relacionamento, nosso contato íntimo, nossa cumplicidade, nosso viver de uma história que pensava ser sem fim.

A calma surge quando escrevo estas poucas palavras,
Meu remédio para controlar o incontrolável,
Minha vontade era de voltar ao passado,
Não voltar para o presente,
Viver a vida juntinho, com você,
Meu amor passado,
Minha velha recordação.

— Como posso esquecer e apagar minhas memórias?

Memórias insanas.
Memórias,
de você, de nós,
de nosso amor.

Pedrinha que passa, passa por um, passa para outros possuidores...

Andando pela praia, eu perdi uma pedrinha preciosa, a água do mar a levou.

Outro achou!

Ou, com certeza, essa pedrinha danadinha escolheu a direção do outro.

Queria tomar de volta essa pedrinha.

Olhando bem, essa pedrinha perdeu o brilho e a beleza. Mesmo que eu quisesse de volta, não poderia mais aceitar.

Ela nunca foi minha.

Quem achou essa pedrinha fique com ela e guarde bem, essa pedrinha gosta de se perder em aventuras.

E eu não sou um colecionador de pedrinhas fujonas, fogem por se encantarem por outros. Nunca tive uma pedrinha só minha, a história se repete, as pedrinhas se interessam por aquilo que eu não posso oferecer.
Sou simples e humilde, ajudo sem pedir nada em troca, de coração. Por tantas decepções, fiquei bruto, embrutecido com uma couraça que afasta as pessoas.
Vivi muito tempo com fantasmas, hoje são exorcizados. Aquela pedrinha fujona era o amuleto que afastou os fantasmas. Serviu para deixar meu coração livre do passado.

Mas uma pedra preciosa verdadeira, reluzente e cheia de vida, um dia eu terei como um colar em meu pescoço.
Que ficará protegida e acompanhará os momentos da vida.
Nem que seja por um único instante, antes de viajar para longe.

A RUPTURA

– Fale e repita:

Foi bom enquanto durou.

— Não quero dizer!!!

– Fale, é preciso, de novo:

Foi bom enquanto durou.

— Por que quer ouvir?

– Para conscientizar você que rompemos nossos laços e vínculos.

— Por que, não entendo, por que você precisa ouvir eu dizer essas palavras?

– Já conversamos sobre isso, faz parte da ruptura e daqui para frente não nos veremos mais.

— Você é quem precisa ouvir, eu não preciso dizer palavras para confortar a sua decisão unilateral.

Palavras para você ficar contente e no conforto de sua decisão. Palavras vazias de sentido e de sentimento.

Quem precisa ouvir essas palavras?
Você é quem precisa dessas palavras bem formuladas para massagear o seu ego.

Do meu coração, nada direi.
Em meu coração, guardarei esse dia para lembrar de você.
Lembrar as máscaras e roupagens de seus figurinos, de seus atos e de dramas.

Em minha memória, as suas máscaras serão guardadas e o livro selado para não ser alterado.

O ÚLTIMO ENCONTRO, UM FINAL INFELIZ

Havia fotógrafos no parque, registravam o antes e o depois do nascer. Em roupas elegantes, vestidos coloridos, roupas de festas, ternos e gravatas, em fantasias para eternizar em seus *books* de fotografias.
Uma manhã nublada, muitas flores abertas para mostrar seus íntimos. Andamos pelo parque de mãos dadas, abraçadinhos visitamos os seus arredores, museus, orquidários, praças e jardins. Enamorados com muita ternura e meiguice, olhos perseguiam as nossas almas, exploravam nossos corpos, a nossa relação de amor era eterna e não queria se perder um do outro.
Avistamos um casal muito diferente, um moço pequeno trajando um terno vermelho com corte italiano e sapatos marrons, a sua companhia era de um senhor grande trajando bermudas e sem camiseta. Estavam registrando seus momentos de amor, em poses das modelos de capas de revistas de moda, sorrisos, muita alegria e cumplicidades.
Fizemos planos, sentados na grama, coladinhos, planos de abrir um negócio próprio, um consultório, ou uma agência de consultoria. Em nossa conversa,

organizamos a decoração da casa, mobílias rústicas ou de estilo nobre. Até em nossa agenda escolhíamos os horários de trabalho, consultas, lazer, almoços e jantar, tudo sincronizado para não perder nossos momentos de paixão.

No caminho para chegar à nascente do rio, passavam por nós jovens, turistas e o vigilante daquele lugar escondido da capital. Um bando de macaquinhos apareceu sobre as copas das árvores acima de nós, barulhentos, víamos os seus bebês agarradinhos nas costas de suas mães, em busca de frutinhas e seguindo um líder.

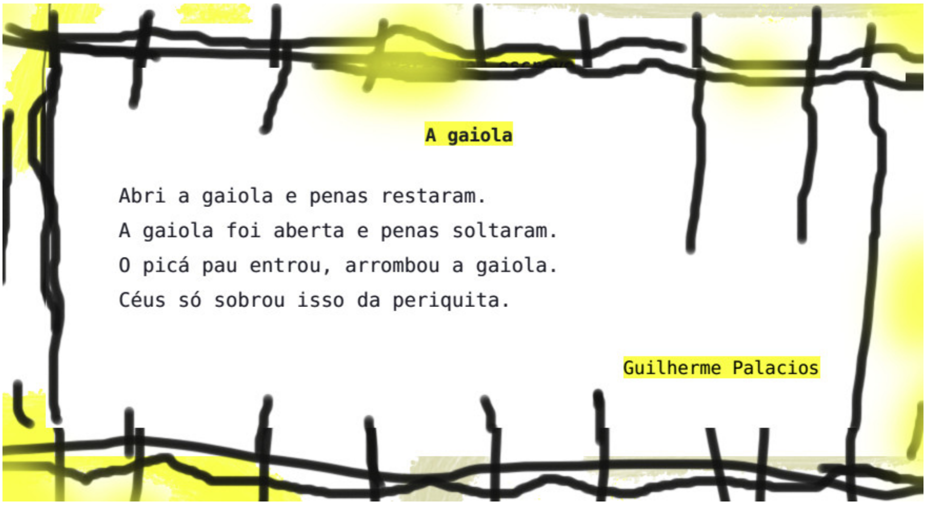
— Vamos embora? Estou com fome, vamos almoçar antes de chegarmos a minha casa?

— Sim, um bife à parmegiana ou uma lasanha? Ou um prato feito?

— Morzão, qualquer comida, estou com muita dor de cabeça, creio ser fome. Vamos, cachorrão, almoçar logo, e, depois, meu amor, ficar em casa. Dimitrix, você sabia que é o grande amor de minha vida? Adoro quando me consola.

O depois não aconteceu. O depois se tornou o vazio.
A lacuna que ficou tornou o meu coração partido.
Um amor em pedaços.
Apunhalado pelas adagas no coração.
Um amor jogado no lixo por quem eu menos podia esperar.
Um amor traído.
A dor da traição foi maior que qualquer dor do corpo, maior que uma fratura exposta, uma dor que vem de dentro, esmaga a alma, nos torna intempestivos e angustiados, emoções tomam conta de nosso ser.

Um final infeliz.


A gaiola
Abri a gaiola e penas restaram.
A gaiola foi aberta e penas soltaram.
O picá pau entrou, arrombou a gaiola.
Céus só sobrou isso da periquita.
Guilherme Palacios

A GAIOLA

Abri a gaiola e penas restaram.

A gaiola foi aberta e penas soltaram.

O picá pau entrou, arrombou a gaiola.

Céus, só sobrou isso dá periquita!

!

Escondidinho

— *Tenho um* voucher *para almoçar nesta quarta-feira.*
— Que iremos almoçar?
— *Escondidinho. Escondidinho de todos.*

Comida nordestina muito saborosa, purê de batata e carne de sol, um escondidinho na assadeira de barro, ficamos cozinhando ao forno por um tempo, no fogo da paixão.
Escondidinhos éramos.

— Erramos.

De um beijo, o escondidinho, cozinhávamos nossos prazeres.
De todas as maneiras, prolongávamos nosso fogo, repetíamos nossos delírios.
Do último beijo, para a dominação e palavras abusivas,
De múltiplos morrer, morríamos um no braço do outro.

De todos os tapas que recebi no rosto, nada parava nosso prazer insaciável de comer.

Comer o camarão grande,
Causava alegria esse prato de comida.
O corpo ficava rubro, de vermelhidão profunda,
quente, suado, pulsante...

Comemos muito, em restaurantes, botecos e
lanchonetes.
Até arregaçar as mangas e os botões das camisas.
Sempre foi um arregaço.

Que bobagem, o melhor é não pensar em comer.
Comer nos dá prazer, infelizmente, hoje estou de
regime e evito essa comida.
Uma comida para outros comerem, comer gostoso e
engordar.
Até ficar forte...um touro...Ankole-Watuzi!!!



Memórias de um tatuador, poeta e professor.

MEU DESENHO

Hoje, um desenho que poderia representar meu *self*.
São traços cinzas, poucos, estão sumindo, são marcas para continuar a minha história.
Em uma caixa especial estão os Lápis de cor. Para com traços coloridos uma pessoa continuar o desenho de minha vida. Muitas cores preencherão os espaços vazios de meu coração. E os traços cinzas sumirão.
Ela não sabe como continuar esse desenho, mas saberá quando formos uma unidade.

Sapato velho

Roupa nova, sapato velho, mas um sapato que serve para outros.

Decidir o que fazer.
Não deu, outro plano e tentar de novo, claro que não me refiro ao amor.

Amor não escolhemos, de almas, não.
Amor de interesses, sim!

Realmente, excesso de sentimento é um pecado.

VERDADES

A verdade quando descobrimos nos deixa tristes, um dia se tornará uma ferida cicatrizada. Seguir um caminho, para muitos poderá ser um ato egoísta, para outros um ato de coragem, ou um ato de fé.

Meio a meio, um fim supremo

— Meio fica aqui e a outra metade você envia para a minha terra.

— Você ficará bem, voltará para casa, não pense assim.

— Prometa, a metade ficará aqui, junto dela. A outra, ficará com minha mãe.

— Prometo, mas como farei com a outra parte?

— Coloca numa caixinha de Sedex e envia, lá eles saberão como deverá ser feito com a outra metade.

Chegando à cidade, fui procurar como deveria deixar a metade.

Na prefeitura, perguntei para a atendente quais as taxas e como deveria proceder para deixar aquele punhadinho de grãos. A atendente se assustou quando contei que já estava com a metade em minha mochila, arregalou os olhos e pediu para esperar. Vem o seu chefe para resolver o caso.

Uma simples pergunta dele, e um “sim”.

Pronto, resolvido, uma taxa gerada e pude seguir para o local de sua permanência póstuma, onde deixaria a sua metade junto daquela pessoa que conviveu e vivenciou uma vida de casal.

De idas e vindas de um relacionamento cheio de tortuosidades, desencontros, enganos, acertos, amor, ódio, paz, aventuras, brigas, sonhos, construções de uma vida, nada mais que uma vida de casal, uma vida de família, um núcleo familiar de um casal e filhos, até que a morte nos separe e nos junte de novo para a eternidade, juntando os restos mortais em uma mesma sepultura.

Chegando lá, o funcionário daquela repartição pública pergunta:

— *Mas onde está o seu pessoal que irá acompanhar vocês?*

— ***Apenas nós. Eis o que eu vim deixar aqui.***

O funcionário não sabia que viemos da capital para o interior, uma peripécia, trazer de ônibus, arrastando a minha perna, com uma bengala, uma procissão de fé e coragem. Quietos na viagem para não levantar suspeitas sobre um desejo, um desejo que levava na mochila, a sua metade, e do meu lado a sua neta.

Contei com a ajuda de um parente para o depósito dos últimos grãos que restou da vida.

Para realizar o seu último desejo, meio a meio, uma metade cá e a outra lá no estrangeiro.
A de estar perto de sua companheira e de estar perto de sua mãe e parentes.
Um desejo que precisei cumprir, uma promessa em vida, uma promessa para a eternidade.
Assim, honramos as nossas vidas com a realização e concretização dos desafios que possam surgir.

Dizem que somos resilientes, sofremos e sofremos, ficamos abalados com as adversidades.
Como uma fênix, surgimos das cinzas, o fogo nos queima até nos tornarmos cinzas, das cinzas surgirá um outro homem, que compreenderá a vida de outra perspectiva. Uma fênix surgirá após a consumação

pelo fogo, o fogo extinguirá o que um dia foram os sonhos e as ilusões, das cinzas surgirá outra fênix, outras expectativas e motivos para direcionar ao dar um sentido à vida.
A fênix surgirá para uma nova vida concreta, nos colocará em desvelo diante da realidade. A nossa vontade se desvaneceu, se tornou um passado, nos tornamos resilientes e insensíveis para certas situações, deixamos de sofrer e continuaremos a viver, um recomeço, uma outra tentativa, desapegamos do passado para renascer outra fênix, mas não nos esquecemos do que vivenciamos e do que sofremos.

A outra metade, seu irmão veio buscar, para concluir uma promessa.
Os seus últimos grãos não fora enviado por Sedex.
O fim supremo transformou o seu corpo em grãos, e o seu desejo em uma promessa realizada.

UMA HISTÓRIA NÃO DITA HÁ MUITO TEMPO

Dois ou um foi-se o tempo, agora é nos vintão ou nos cinco contra um.
Você vem toda menininha, apaga as luzes se torna uma safadinha.
Onde te encontro? Onde posso te ter sem essa malícia?
Nem nas igrejas ou nos cultos posso te ver como menininha.

Essa é a realidade, seu fruto é uma permuta entre quem tem mais.
Tenho menos, nada a te oferecer, apenas essa letra que nada vale.
Minha mente muito menos,
O que conta é a aparência de *pitbull* ou de *playboy* para uma patricinha.

Não espere que eu corra atrás de você, ainda vou encontrar aquela princesa diferente de você!!!

Pergunte perguntas coerentes, perguntas de verdade, sem rodeios, sem falsidades e sem esse ar burguês que não te pertence.

Pergunte o que sinto por você!
Que te direi, mas não adiantar perguntar o que quero de você.

Pergunte perguntas de verdade!

Posso te dizer a real e neste momento apenas te digo o que quero.

Uma princesa, não uma cachorra que tem muitos vira-latas por aí.

É isto o que quero: uma princesa e não uma cachorra no cio sem dono.

Mas se vim aqui, eu te pego e te dou um trato daqueles de cine pornô.

Pensando bem, é melhor deixar você onde está, vou procurar minha princesa e te esquecer.

Princesinha, princesa, princesa, princesinha, princesa, princesa, bobagem, ela não existe, é fruto de minha imaginação.

O ciclo começa e termina aqui no bairro, pouco vou fazer para sair daqui, aqui é meu lugar, mando essa mensagem pela voz daqueles que estão longe daqui.

Ba be bi bo bu
Pa pa pa tra tá tá
Ba be bi bo bu
Pa pa pa tra tra tá tá

Só isso que fica aqui nas quebradas, a reprodução da violência seja na escola ou na vida. Uma decoreba na escola do nada para a superação de nossas condições de vida, tudo sem um sentido libertário e sim um adestramento.

Pouco posso fazer,
Meu caminho de liberdade é de expressão do pensamento.
Pouco posso entender,
Apenas posso sonhar com um mundo que não é o meu.
Pouco posso viver,
O mundo é maluco e o tempo me consome.

Onde está a princesinha que perdi há muito tempo para o cara do dinheiro?

Não era princesa, era mais uma cachorra pedindo para ser adotada pelos *playboys*.
Não era princesinha, tudo ficou na mente: casa, família, paixão e tesão por quem não mereceu nem minha consideração.

Onde está a princesinha que se foi e esqueceu meu nome?

Pergunte perguntas coerentes!
Perguntas de verdade sem rodeios sem falsidades.
Pergunte o que sinto por você que te direi!
Mas não adianta perguntar o que quero de você.
Pergunte perguntas de verdade!
Posso te dizer a real e neste momento apenas te digo o que quero.

Uma princesa, não uma cachorra que tem muitos vira-latas por aí.

Essa é a realidade, seu fruto é uma permuta entre quem tem mais.
Tenho menos, nada a te oferecer apenas essa letra que nada vale.

Minha mente muito menos,

O que conta é a aparência de *pitbull* ou de *playboy*.

Não espere que eu corra atrás de você,
Ainda vou encontrar aquela princesinha.

Princesinha, princesa, princesa, princesinha, princesa, princesa, bobagem, ela não existe, é fruto de minha imaginação.

Somos assim:

Complicados e cheios de ilusão, em crises, o que resta são relações superficiais e de faz de conta nas relações humanas.

UM TOQUE SUAVE

— Feche os olhos e respire devagar, sinta seu corpo pulsar, os batimentos de seu coração. Devagar, respire, agora, sente no chão. Afaste de sua mente qualquer imagem, apenas respire. Sinta o coração pulsar.

Sem tocar no corpo, minhas mãos começaram a esquentar, o pulsar do corpo aumentou. Escorregando pelo seu corpo, aos poucos sua pele arrepiou e começou a sentir a leveza do toque sobre a pele sem tocar, devagar em movimentos circulares, sem encostar ou tocar. Minhas mãos estavam quentes. Suave e delicado nos movimentos, um toque que plainava suavemente sobre a sua pele.

Nenhuma palavra, silêncio e seriedade.

Em seguida, com um creme hidratante, passei em sua pele, de um lado ao outro, esquentou seu corpo.

Nenhuma palavra, apenas o silêncio entre duas almas.

Seus pelos ficaram arrepiados, pequenos choques pulsavam em seu corpo, tremeliques e arrepios, uma sensação relaxante que libertava sua alma de seu corpo.

Dormiu.

A música relaxante a levou para o mundo dos sonhos. O toque sem tocar sobre a pele a deixou em transe, relaxou a sua guarda, caiu sua couraça, voltou a ser menina, precisava de proteção, no chão amoleceu o seu corpo. Apagou, dormiu um sono tranquilo sem pesadelos. Em meu colo encontrou a proteção, por um tempo nos tornamos uma pessoa.

Acordou suada, toquei sua alma.

Uma massagem para relaxar o corpo. Massagem para trocar as energias.

Em meu colo dormiu, em meus braços acordou. Silêncio, ela dormiu, silêncio, ela precisa se acalmar, silêncio, ela está cansada de sua vida, silêncio para ela encontrar a paz.

Quando acordou, seu coração estava batendo calmo, sua voz suave, seus olhos brilhavam, seu sorriso angelical, um abraço apertado de despedida, poucas palavras saíram de sua voz, a docilidade era imensa, a leveza de sua alma e suas palavras balbuciantes foram um toque suave em minha alma.

No ano seguinte, partiu, depois de tocar a minha alma, abalou a minha sanidade. Despertou o que estava adormecido, incendiou o meu coração, mas a morte a levou, longe, longe de mim.

NÃO ESPERAVA UM FINAL FELIZ

No fim, acontecerá o que não prevíamos, final feliz ou final infeliz, ou um final de não continuar a história particular e singular de uma vida.
Um fim existe? Um fim de um ciclo? Um fim de uma jornada? Um fim de semana? Um fim de uma atividade? Um fim de uma conversa?
Um fim entre muitos "fim", infinitos "fim", uma eternidade de "fim", um conjunto infinito de "fim", o final supremo de nossa existência material um dia chegará com a morte de nosso corpo biológico, deixaremos algo de nós, enfim, uma história e cultura para outros continuarem o que foi herdado.

Um final feliz?
Um dia termina, vem o cansaço e dormimos para restabelecer nossas energias, um tempo para o organismo absorver nutrientes e redistribuir esses pacotes de energia, popularmente, pacotes de gordura.
Apenas isso acontece em nossas vidas? Homens-máquina que trabalham para construir algo, se alimentam e depois descansam para recuperar seu corpo, um

processo infinito de regeneração de energia que um dia encontra a sua finitude?

Sentado, olhando a praia à noite, sem palavras, sem conversa, queria continuar ali, sentado, observando o tempo passar, assistir à vida humana dos outros que passavam por mim. Casais de mãos dadas, velhinhos de mãos dadas, garotas de mãos dadas, garotos de mãos dadas, grupos de jovens, estrangeiros conversando em seus idiomas, corredores, bicicletas indo e vindo e chega um que vai e volta para conversar:

— Tenho alguns centavos, você me dá 20 centavos para completar, me ajuda, preciso de um barrigudinho, preciso completar o que eu já tenho.

— OK. Não tenho 20 centavos, mas, espera, vou ver o que eu tenho.

Quem saberia me dizer o que seria esse barrigudinho? Uma garrafinha de pinga? Um peixe? Muitas possibilidades passaram naquele momento, confesso, todas foram pessimistas em relação àquela pessoa sujeita que está à margem da sociedade.

Levantamos do banco, o clima começa a mudar, o que antes era um lugar tranquilo começa a ficar diferente, as pessoas mudam e outras começam a frequentar as vizinhanças. Eu estava esperando amanhecer e encontrar o nascer do sol. Mas minha convidada dizia para ir embora daquele lugar, não queria ver o nascer do sol e muito menos ficar vulnerável a alguma abordagem que colocasse a gente em risco de encontrar o fim supremo.

Antes de tudo, na pinacoteca, ao ouvir Lee, despertou a tietagem na convidada, disse que nos finais dos anos 70 era o grupo que curtia e que até um bolachão do grupo possuía. E a surpresa de ouvir e ter um autógrafo, um final feliz.

Meu final feliz, além de estar na pinacoteca, muito nada a ver, foi o de descobrir o que era o “barrigudinho”.

O “barrigudinho” para aquele andarilho, excluído, velho, solitário, ou uma pessoa à margem da sociedade, era um lanche para deixar ele “barrigudinho” e não ficar com fome.
Vi a sua felicidade ao comer um lanche e tomar um refrigerante.

As margaridas se foram

Pétala por pétala nosso amor se
despedaçou.
As margaridas sumiram, restaram seus
miolos e caules.
O Amor é efêmero como uma flor.
Mas uma flor pode reviver se cuidada com
Amor.

Outros preferem objetos para adorar ou
querer para si.
Apenas amor que eu queria, amar para
reviver meu coração.
Deixar de ser insensível, escuro e frio.

O DOMINGO DA FAMÌLIA

A família está sendo destruída?
Não sei à qual família se referem. Será que seria uma família em harmonia, em amor, em cumplicidades e sem conflitos internos? Não sei se existe tal família. A família destruída e destituída de vínculos amorosos, talvez, acompanha o ritmo imposto aos trabalhadores assalariados ou autônomos que buscam sua sobrevivência econômica num tempo do EU.

Entendi que a família era formada pelo papai, pela mamãe e pelos filhos ou filhas. Uma família ideal, um núcleo familiar original, biologicamente gerado pelos pais, uma família que desejamos para juntos tomar o café da manhã e depois partir para o trabalho, escritório, escola ou para um passeio de fim de semana.

Um núcleo familiar, idealizado, um sonho de muitos jovens que nunca tiveram uma família unida pelo amor, um sonho que poucos conseguem realizar, um sonho que muitos deixam passar como a realidade de suas famílias, um discurso que atinge a população,

um desejo não concretizado pela maioria da população. Um desejo de ter uma família.

Na família, os filhos seriam a continuação de seus pais, como dizem:

Filho de peixe, peixinho é!

Filhos que continuariam os princípios morais, éticos e religiosos de seus pais.

Uma reprodução melhorada de seus pais, numa evolução e num aperfeiçoamento de suas famílias, uma família de verdade em comunhão com Deus e no paraíso a reuniam de seus familiares para a eternidade espiritual.

Mas a família estruturada passa por provações, as dificuldades que surgem dessa relação familiar são colocadas pelo plano espiritual, os anjos caídos levam os homens para outros caminhos, os anjos caídos desvirtuam os homens de sua pureza e natureza divina. Os anjos caídos estão conosco em nossa caminhada para nos puxar para as trevas. O plano espiritual e o plano material estão em guerra, o

paraíso não pertence aos homens, alguns serão escolhidos para o paraíso, a intersecção desses planos cria outro plano, um plano espiritual-material coexistente numa mesma dimensão de vida.
A dimensão psicológica de nossos pensamentos.

O que é a família? Quem poderia dizer com certeza? À qual família se referem?
Padrões, sempre padrões de alguém, arbitrários, como um autor disse.
Reproduções de famílias idealizadas vinculadas à cultura de massas, outro autor disse.
Famílias para aumentar a riqueza de sua família, esse autor, apesar de morto, continua sendo perseguido.
A origem das famílias, uma origem religiosa de união espiritual, uma família sagrada.

Imagine.
Uma família sem um papai, ou sem uma mamãe, uma família sem um núcleo original, fragmentada, esfacelada, dilacerada pela separação dos pais ou pela morte de um ente querido.
Não seria uma família.
Seria uma família desestruturada, uma família problema, desarmoniosa...

O rompimento dessa família idealizada criaria desvios da conduta de seus filhos, a tese diria que é um sintoma de famílias desestruturadas.

No limite do preconceito, dos rótulos e estigmas. A família sobrevive idealizando o que seria a família. Pelo que entendi de uma família ideal, seria a família que não tivesse filhos homossexuais, viciados, anormais, bandidos, perversos, psicopatas, tarados, rebeldes, promíscuos, desvirtuados de Deus, ilegítimos, com problemas de saúde, inter-raciais, miscigenados, uma infinidade de categorias que não vale a pena citar, por serem preconceituosas e retrógradas.
Essa Família que dizem ser uma família, uma família de poucos, um privilégio de poucos, uma idealização desejada, no domingo da Família foi exposta diante de todos uma falácia contada.

Os anjos caídos fizeram os homens acreditarem em seus conselhos.

A família é real, concreta, de pele e osso, em contradição, em desenvolvimento humano, nada pronto e acabado, em movimento, dialeticamente em formação com outros humanos.

Minha Felicidade

Estar feliz, como é breve a felicidade.

Sempre ficava feliz ao te ver,

Mesmo por um instante,

Para sempre, vou guardar as suas mãos que me chamavam,

Vou guardar seu jeito de menininha.

Quando estávamos juntinhos.

Os dias eram de amor,

Sempre era dia de namorar.

Nosso dia, dia de amar.

Nossos espíritos estavam em sintonia e se tornavam um.

O amor nos fortalecia,

O amor enchia a minha alma de alegria.

Queria tanto sussurrar em seus ouvidos,

Não sei se deveria,

Um dia descobrirei se posso ser atrevido e sussurrar,

Te arrepiar.

Lamento ficar calado.

Calado por amor,

Sem você,

Na vontade de te ver.

A Tristeza é o que restou para mim.

Entendo que não deveria ser assim,

Amei e ainda te amo.

Amar alguém que se foi?

Sim.

Amor de almas.

Encontram-se nas

Memórias que restaram do passado,

Da adolescência ou de ontem?

Estão vivas como se fora ontem.

Minhas memórias,

De um tempo que nunca mais voltará.

Passaram e ficaram como memórias de um Guiguilix.

Insanix.

Te amo,

Sempre

Te amarei.

Você

Cristalizou em minha Alma.

Memórias de um tatuador, poeta e professor.


Ah amorrrr
Sofrer
Sofre
So free
So
Só
Tão
Livre
Livre a mente
So
So
Livremeeeente
Ammorrrr meeenteeee
Ah amooorrr meentiii
Sofroo porr ti
Ah amorrr
!
Pura!
Guilherme Palacios

Ah, amorrrr

Sofrer
Sofre
So free
So
Só
Tão
Livre
Livre a mente
So
So
Livremeeeente
Ammorrrr meeenteeee
Ah amooorrr meentiii
Sofroo porr ti
Ah amorrr
!
!
Pura!

Parte 2

Pensamentos Soltos

VAI SE FOD***

É assim que nos tratam, mandam a gente se fod***.
Quem é essa pessoa que fez isso?
Um aluno?
Não, um meio centenário e um.

Dei as costas.

Mas violência gera violência e eu não comungo com a violência.

Entendo que o trabalho seja penoso para todos.

Mas, mandar se fod*** é muito para mim.

Com certeza a resposta seria um ato de violência.
Deixa para lá, não sou adolescente e violência evitarei, sempre, principalmente, vindo de quem veio.
Fod*** é bom, quero sempre fod***.
Com uma mulher.

ANÁLISE DE UMA PROPAGANDA

(Texto original de 2010 – revisitado em 2016)

A indústria cultural de múltiplas formas subjetivas pode aproximar nosso pensamento da realidade concreta a respeito do que seja em nossas vidas. Entender na atualidade requer compreender as suas nuances subjetivas, um meio de controle do sistema capitalista que envolve o mundo real do mundo virtual, o real com o espectro de seu reflexo, a subjetividade composta de desejos de uma realidade virtual à qual não nos pertence, nossos reflexos e espectros se tornaram aquilo que não somos no mundo concreto. Vivemos de ilusões que nos anestesiam do mundo concreto, um meio de formação da alienação ideológica e de dominação das massas.

A propaganda é o veículo necessário para a subjetivação de valores predeterminados pelas elites econômicas do mundo capitalista. Esses valores são tecidos na realidade do imaginário social como algo de verdadeiro, substituem ou incorporam nas doutrinas religiosas a doutrina do consumo como fonte de prazer e de fetiche de um mundo ideal.

Uma propaganda de venda de um carro, o que nos diz? Quais são os valores que nos são impostos como verdades? O que se transmite de valor para as massas formarem um senso comum?

Alienação e desejo de possuir um bem, nas propagandas podemos observar valores e a ideologia que as forma para termos uma concepção de mundo.

Perguntas como: Qual o seu projeto de vida para daqui 5 anos?

Poderá ter respostas que imprimem valores para a sociedade. Nessas respostas, a subjetividade indica: a luta e competição entre gêneros sexuais, os padrões de moda para vestir-se bem, a reunião de pessoas para se falar de negócios, que um carro de luxo significa a concretude de seus sonhos de vida, que um carro é um símbolo de afirmação de seu *status* e classe social. Uma manipulação de valores nos bombardeia constantemente para acreditarmos num padrão de vida.

Faça um teste, ande de ônibus, viaje para o interior de São Paulo ou para um lugar onde você é conhecido. Aqueles que te conhecem farão uma primeira pergunta:

"O que aconteceu com o seu carro, por que veio de ônibus?"

Perceba que há a relação da indústria cultural com a formação do imaginário social, as propagandas são o veículo para a alienação social, o bem-estar de uma pessoa é medido pelo que ela possui e mostra para a sociedade e no mundo virtual das redes sociais a sua vitrine.

Quando vou para uma cidade pequena, com uma praça principal e algumas ruas, podemos ver que a maioria ostenta uma roupa nova, um objeto como o celular e quem pode ter um carro novo como símbolo de sua ascensão social. Andar a pé seria desprestígio e sinônimo de pobreza.

Sinceramente, há novas formas de dominação das massas, a ditadura econômica, aquele que tem dinheiro é o novo coronel dos tempos modernos, a política participa desse jogo social de dominação e fetiche masoquista de controle social. Assistimos ao caos como algo que um dia passará, aceitamos esse mundo por não termos forças para lutar contra, passivamente lutamos por nós mesmos para sobrevivermos nesse mundo concreto.

Precisamos definir o que vem a ser massa, não podemos pensar que sejam apenas os pobres, mas

podemos pensar que é o conjunto de uma população que compartilha valores comuns. Por outro lado, partindo de uma relação masoquista, esse compartilhamento gera prazer e deixa uma esperança nas pessoas de assumirem aquele papel que não as pertencem, o papel de dominador.

A alienação tece na subjetividade um inconsciente do mundo concreto, as aparências são superficiais, as relações humanas almejam ser um consumidor, cria-se a necessidade de ser consumidor, novos juízos de valores são subjetivados neutralizando: a crítica, a consciência singular, a autonomia e a capacidade de criação. As percepções de mundo são alienantes, a ficção novelística se torna as realidades que as massas querem como suas, mas não possuirão.

Somos sujeitos anestesiados de uma sociedade

Felizes são os outros que vivem e participam dessa sociedade do consumo.

Para um aprofundamento no assunto, livros de Theodor Adorno.

Ponto de viragem: mudanças do interno pelo externo

Uma linha reta, deslizei, num voo sem rumo, uma sensação de liberdade, nada enxergava, flutuei livremente por frações de segundos na hora da reza do por do sol.
Um impacto, e um calombo surgiu, calça rasgada e abaixo dela a carne viva. Um simples machucado que poderia ser curado com uma atadura. Tão simples, ao levantar a perna travou e caí no chão com uma dor indescritível.

— Você ficará bem, vai ser internado, não tenha medo, estarei com você.

Quando chegou o resgate, a primeira pergunta:

— Você tem passagem? Os seus documentos: da moto e habilitação. Não se mexa e permaneça no chão que logo colocaremos você numa maca e levaremos para o lugar mais próximo do acidente.

Chegando ao pronto-socorro, não havia vagas ou condições de atendimento adequado para um trauma de

acidente. Teria que esperar uma vaga e a remoção para um hospital. O médico me aconselhou a ir para um hospital particular, o caso era de urgência, e não poderia ficar por mais tempo esperando uma vaga, havia risco de infeccionar o osso.
Depois de um tempo, ele volta com uma bacia de inox.

— *Vou precisar desinfetar o local, não vai pegar anestesia, aguente firme, vou lavar o local para você não pegar uma infecção.*

Um amigo, em seu carro, fez a remoção para um hospital público. Passei pela emergência, quase meia-noite, fui bem tratado pelo médico residente que me encaminhou para a sala de cirurgia.

Uma parada brusca ocorreu, de uma vida agitada de estudar e trabalhar em vários lugares, para a queda, de uma motocicleta, um acidente de trânsito entre um trabalho ao outro, fiquei nas bordas de um precipício.
Minha alma se encolheu, sequelas de uma lesão traumática de um impacto de alta energia. O corpo modificou e eu aprendi a viver de novo. Minha alma cresceu.

Sem tempo para mim

Sem tempo, vivendo sem tempo.
Para meus colegas, meus amigos, meus filhos e minha família.
Sem tempo para me dedicar aos estudos mais profundos da alma.

Sem tempo para meu lazer.
Sem tempo para minhas conquistas pessoais.

O tempo passa, nem sentimos a sua partida.

Meu tempo se foi, agora meu tempo não mais me pertence.
Pertence ao ritmo do trabalho alienador.
Meu ser está anestesiado e fragilizado pelo cansaço e pelas perdas.

O tempo não é linear, nem espiralado, talvez, um tempo quântico de incertezas,
Envelhece, embrutece, amansa, conforma, deforma, embeleza ou enlouquece as pessoas.
Ou, ainda, deixa as pessoas feias por mostrar como são de verdade.

Esperar crescer, para deixar de ser menina ou menino,
Tempo de aprender com as vivências,
Um desenvolvimento humano imerso de humanos.

Deixar um tempo para o tempo curar as feridas do passado.
Quando o tempo passa, as marcas e ranhuras ficam em relevo na pele.

Não tenho tempo, o meu tempo se foi sem eu perceber,
Meu corpo envelheceu, se prepara para mudanças.

Mas ainda penso nela,
Não devia pensar,
Devia esquecer,
Para eu ter meu luto.

Dias das Mães

Hoje é um dia vazio, minha mãe se foi há 20 anos, ninguém a substituiu, a psicanálise falhou ao me dizer que uma mulher poderia ser uma projeção de minha mãe, nenhuma mulher foi capaz de substituir a minha mãe.

Não posso deixar de dizer que a mamãe é única em nossa vida.

Outras mulheres que surgirem são mulheres companheiras, mas não a nossa mamãe, uma falha da psicanálise ao querer substituir um amor por outro amor, uma falha ao querer enganar os nossos sentimentos pela compensação de alguém por outro, querer uma substituição. Transferir um amor por outro amor, não é possível para mim.

Amor é único, não cabe uma troca, uma substituição ou apagar a história de vida e de vivências entre as pessoas.

Minha relação com o corpo

(Texto escrito originalmente para uma disciplina da licenciatura em Pedagogia, um escrito do passado, revisado em 2016)

Desde pequeno, eu gostava de correr, jogar bola, brincar com outras crianças. Mas sempre meu corpo era motivo de apelidos, minhas características de indígena, um isolamento dos outros. Não havia crianças que se parecessem comigo, meu pai do Equador e minha mãe do interior de São Paulo. Nessa miscigenação, não entendia que eu era o diferente, meus traços híbridos eram únicos, nunca tinha visto alguém semelhante comigo, meus colegas, poucos.

Sempre era motivo de piadas ou de apelidos de mau gosto.

Comecei a treinar para me defender, por orientação de meu pai, frequentei academias de luta. Iniciei no judô por dois meses. Depois passei pelo caratê. Pelo *Tae kwon do*, a luta de chutes e voadoras. Pelo *Tai chi chuan,* a luta da meditação. Por último, a arte marcial de quebrar as juntas do corpo: o *Aikido*.
Depois que comecei a frequentar essas academias, nunca mais tive problemas com esses apelidos, de

certa forma meu corpo modificou, fiquei com porte musculoso, aprendi a respeitar e ser respeitado.

Na faculdade, o ambiente era outro, estudava na USP, as pessoas se respeitavam, e os apelidos eram poucos, apelidos entre amigos para descontrair. Eu era mais um dos muitos estrangeiros que frequentavam a academia. Meus traços corporais indígenas tinham uma relação de identificação com os povos que foram dizimados pelos homens brancos. Uma historia de sofrimento e de luta contra a dominação dos europeus, preconceito e perseguição aos explorados das colônias, uma história esquecida pelos brancos sobre os povos indígenas da América Latina.

Por um tempo, voltei para as academias de musculação, lá encontrei pessoas de todas as classes sociais. Será que teriam histórias parecidas com a minha?

Sou da periferia, e quais os tipos que frequentavam essa academia? Minhas lembranças se referem aos vaidosos que queriam ficar musculosos. Os magros que queriam um corpo bonito, apesar de não ter uma fisionomia atraente. Os guardas noturnos de bares ou seguranças. Os caras das bocas de fumo. Os peões de

fábricas. Estudantes que gostavam do anabolizante para crescer.
E, eu. Que queria aumentar o meu corpo sem nenhum produto específico de crescimento muscular. Cresceram, mas não passaram de meu limite corpóreo.

Por trabalhar como professor, minhas idas e vindas eram esporádicas na academia, um professor ACT, não formado e de caráter emergencial de contratação, um professor temporário. Nesta época, com quase 20 anos, deixei de ser um professor estudante, aprendi a tatuar, meu corpo se tornou um espaço e lugar de desenhos tatuados que narravam uma história, cada desenho tinha o seu significado, um símbolo que condensava um conceito. Cada desenho era uma composição inacabada de meus pensamentos.

Ao me tornar tatuador, conheci outros mundos, sem entrar nesses mundos, sobrevivi, entre escolhas que eram colocadas diante de mim, algo não me deixou se envolver com esses outros mundos. Sentia prazer em tatuar e colorir a pele com a tatuagem.
Uma vida dupla, anônima, escondida das pessoas, uma dupla jornada para manter meus estudos e sustento de minha família, de altos e baixos econômicos. Em um momento, estava na faculdade, cursando a

licenciatura de Matemática; em outro, eu estava em meu atelier de tatuagem. Um artista tatuador que sobrevivia, um mês sobrava dinheiro, no outro devia para os bancos no cheque especial.

Terminei a licenciatura. E a minha profissão de artista tatuador? Ia flutuando conforme as estações do ano. Voltei a lecionar, prestei concursos para ser um funcionário público. Consegui uma profissão respeitada, sairia da clandestinidade de ser um tatuador, poderia contar com um salário, todo fim de mês uma quantia para sobreviver com minha família, eu era registrado.
Mas meu corpo ainda era um motivo de preocupação, muitos desenhos tatuados, exames de admissão, estresse e medo de ser reprovado pelos médicos, o estigma voltava a rondar, dessa vez precisa esconder minhas marcas no corpo para não ser confundido com um marginal.

Na infância, eu era o selvagem.
Na idade adulta, sem a camisa, seria confundido com um ex-presidiário.

Ainda sinto falta da academia, seja da musculação ou das artes marciais, agora, com meus 37 anos, tenho um porte obeso, uma barriga que não me incomoda.

Bom, aqui deixo minhas impressões sobre meu corpo.
Como percebe, não fui hoje para a faculdade, o meu trabalho de lecionar impediu que eu continuasse o curso. Agora o que me resta é esperar outro semestre para continuar tentando adquirir créditos e me formar em licenciatura em Pedagogia. Espero que no próximo semestre você seja o mesmo professor desta disciplina.

Um forte abraço,

Guilherme Palacios



Memórias de um tatuador, poeta e professor.

Este e-book é gratuito, porém, para realizar outros projetos no futuro,
ACEITO DOAÇÕES PELO PAYPAL,
email: guilherme@memorias-tatuador.pro.br.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-921575-1-7
9 788592 157517

Fontes:

Dimensões 16,2 cm x 22,9 cm

Outubro de 2016

http://memorias-tatuador.pro.br